

Recebido em: 15/05/2021
Aprovado em: 13/09/2021
Publicado em: 22/10/2021

A LETRA DE UM RELATO
história da recepção filosófica da psicanálise em Curitiba-PR

THE LETTER OF A REPORT
history of the philosophical reception of psychoanalysis in Curitiba-PR

Maria Cristina de Távora Sparano¹
(cris-sparano@ufpi.edu.br)

Resumo: O texto trata da história da recepção da psicanálise em Curitiba. A primeira parte apresenta um relato biográfico que explora a formação das instituições na cidade através da memória da autora. Apresenta também as iniciativas de Filosofia e Psicanálise que marcaram essa recepção. A segunda parte explora o modelo wittgensteiniano de linguagem como metodologia, principalmente os jogos de linguagem e as semelhanças de família, aplicados à psicanálise e à relação entre as instituições psicanalíticas.

Palavras-chave: Psicanálise. Instituição. Linguagem.

Abstract: The text deals with the psychoanalysis reception history in Curitiba. The first part presents a biographical account that explores the formation of institutions in the city through the memory of the author. It also presents the Philosophy and Psychoanalysis initiatives that marked this reception. The second part explores Wittgenstein's model of language as a methodology, mainly language games and family similarities, applied to psychoanalysis and the relationship among psychoanalytic institutions.

Keywords: Psychoanalysis. Institution. Language.

1 MEU INCONSCIENTE ME GUIA ...

“O inconsciente é essa parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente.”
(LACAN, 1966, p. 258, tradução nossa).

¹ Professora Associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Coordenadora Mestrado Prof-Filo UFPI. Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pós doutorado em Epistemologia pela Universidade de Genève (UNIGE). Formação em psicanálise - Coisa Freudiana e EBP.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2811095176590624>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5922-1591>.



A letra é transmissível. Por essa transmissibilidade própria ela transmite aquilo que ela é, no meio de um discurso, o suporte (MILNER, 1996, p. 105). A história da recepção da psicanálise em Curitiba, no Paraná, tem a partir desse relato sua origem em *Coisa Freudiana – Instituição de Transmissão em Psicanálise*. Foi aí, na década de 80, que conheci e fui fisgada pela psicanálise. Não resta a menor dúvida que foi um ato revolucionário numa cidade tradicionalista como Curitiba, mas com uma grande curiosidade intelectual, tanto no domínio das Artes, Literatura, Poesia, Arquitetura, Dança, Teatro, quanto no campo acadêmico, com duas universidades de porte e importância consideráveis, UFPR e PUCPR, na transmissão do saber. Isso para não falarmos da importância da Psicanálise clínica que ali se configurava com a participação de médicos, psiquiatras, psicólogos e profissionais de outras áreas.

Grupos de estudo se formaram. Esses grupos tinham como objetivo examinar e debater textos de Freud e Lacan, com a pretensão de deixar viva essa memória da psicanálise.

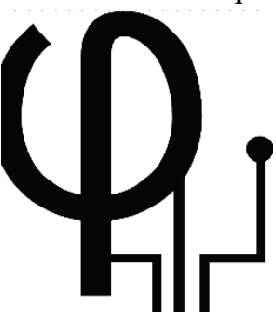
A data deste ponto de partida é 1 de abril de 1985, com a constituição de *Coisa Freudiana*, a partir de uma Jornada de trabalho sobre questões de psicanálise.

[...] pensando na necessidade de uma instância onde cada um de nós possa desenvolver seu trabalho e constatando paradoxo que implica o laço social entre analistas, já que, se por um lado o discurso analítico se sustenta na sua própria prática, não precisando, portanto, de grupo nenhum, por outro lado é imperativo que os analistas se reúnam para dar conta de sua prática. Fundamos nesse ato, *Coisa Freudiana*, instituição de transmissão em psicanálise. (LETRAS DA COISA, N 0, 1985, p. 6).

Sob a direção de um grupo de psicanalistas, alguns vindos da Argentina, outros da cidade de Curitiba mesmo, como Antônio Godino Cabas, Fabio Thá, Juan Fernando Pena, Luiza Wisniewski e Maria Silvina Perez, começou *Coisa Freudiana*, com o objetivo de refletir e trabalhar a experiência clínica tendo como guia os textos de Freud e Lacan. A instituição foi destinada à formação de analistas, embora saibamos que as únicas formações respeitadas em psicanálise sejam as do inconsciente.

Coisa Freudiana propôs como objetivos aceder a formações reconhecidas na psicanálise lacaniana, já indicadas na *Escola Freudiana de Paris*: os cartéis, a extensão e a biblioteca.

Sobre a extensão, esta é dedicada à transmissão da psicanálise que, embora não tenha uma direção de cura, deve ser pensada como psicanálise aplicada. O que é interessante dizer é que nesse espaço instaura-se o lugar do outro, tanto no debate, quanto na reunião temática, no discurso do Campo freudiano e na gestão da clínica. A biblioteca seria o lugar de orientação do pensamento de Lacan, o encontro com sua obra escrita, assim como com a

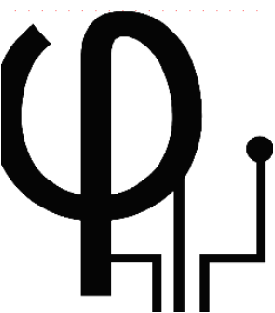


obra de Freud, referência para os membros de *Coisa Freudiana*, e o trabalho de cartel. A Biblioteca é o lugar da crítica constante das publicações do campo psicanalítico. Dessa forma, a Biblioteca torna-se o porta-voz autorizado dos estudos psicanalíticos.

É interessante notar que o que interessa a nós, intelectuais e estudiosos, principalmente no que diz respeito à psicanálise, é a sua transmissão e a ligação com campos de trabalho afins, seja a matemática ou a antropologia, e principalmente a filosofia, tão cara à Lacan. Esse lugar foi marcado pela presença de filósofos atuantes no contexto universitário, principalmente da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vale lembrar a contribuição de nomes de *Coisa Freudiana*, seus membros, simpáticos à filosofia e que nunca deixaram de reverenciá-la. Aliás, uma prática constante nas instituições psicanalíticas, o que permite até hoje um diálogo e uma característica interdisciplinar, peculiar à Filosofia e Psicanálise.

A Reunião Temática, um trabalho de conexão com a psicanálise, dedicou-se a temas de filosofia presentes nos textos de Lacan, principalmente os que ofereciam um desafio teórico, como Aristóteles, Platão, Hegel, Kant e Sade e, posteriormente, autores como Bentham e Nietzsche. César Augusto Ramos, professor do departamento de filosofia, e Diniz Mikosz se dedicaram aos clássicos da Ética. Foi introduzida a Lógica, contando com a presença do Prof. Newton da Costa, reconhecido intelectual nesse domínio, falando das possibilidades da utilização de modelos lógicos em psicanálise, em especial na obra de Lacan. Eu mesma trouxe temas de epistemologia, passando por Descartes, Kant, Merleau-Ponty. Alain Gros Richard, renomado filósofo da Université de Genève, vindo da Suíça, e Serge Cottet, psicanalista e doutor em Psicanálise pela Universidade de Paris 8, na França, animaram encontros internacionais. Dessa forma, e com alguns desses exemplos, ficou estabelecida e foi se afirmando intelectualmente uma relação do que é uma instituição analítica, seus objetivos e a relação com outros conhecimentos, sendo a psicanálise seu acesso. Lacan nos diz que a psicanálise não pode ser realizada a sós. A ligação com a França e com psicanalistas franceses esteve sempre presente, haja vista os seminários internacionais propostos por *Coisa Freudiana* numa perspectiva clínica com Marie Jean Sauret, Jacques Adam e Philippe Lacadée.

Uma instituição psicanalítica exige o trabalho de seus associados no sentido de aprofundar o conhecimento dos fundamentos da psicanálise com objetivos teóricos e clínicos. Mas uma grande questão é: por que expor a psicanálise e o discurso psicanalítico ao crivo de teóricos da filosofia? Aprendemos com a filosofia o que é uma dimensão ética em todos os campos do saber. Assim, quando Freud e Lacan recorrem a outros campos do saber – Freud na neurologia, na física, na ótica; Lacan na linguística, na lógica e na topologia – trazem para psicanálise a relação com a filosofia e com os demais domínios enquanto



transferência de saber. Tanto para Freud, como para Lacan, a psicanálise não é menos difícil que a filosofia, mas impõe uma exigência de trabalho.

À participação da filosofia no espaço psicanalítico, aliou-se a um conceito diferente do “ensinar”: o conceito de “transmitir”. Quem transmite um saber, realiza mais do que apenas uma contribuição epistemológica. Lacan dirá que se trata de uma contribuição amorosa.

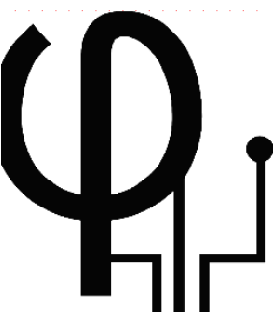
Esta foi a contribuição de *Coisa Freudiana* no espaço de recepção da Psicanálise em Curitiba e no Paraná. Há duas formas de provocar o interesse na transmissão em psicanálise, ou criar ou expressar conceitos de forma nova. Não há um Lacan ou um Freud a cada dia. Novos conceitos são conceitos reelaborados com a criação de matemas, como fez Lacan, ou com um novo recorte semântico. O que se pode fazer com conceitos é ousar dizer de que maneira sua particularidade pode se juntar ao universo de interesse dos outros. Deixar a expectativa da completude de lado, um dos defeitos do filósofo.

Em “Escritores criativos e devaneios”, Freud nos lembra que escritores criativos liberam as pessoas da culpa e da autoacusação, possibilitando um pensamento irresponsável, mas livre das amarras conceituais.

[...] Dali retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une. (FREUD, 1980c, p. 153).

Em “Recordar, Repetir e Elaborar”, Freud fala das modificações técnicas ocorridas na psicanálise. Dessa forma, no início do texto diz: “Não me parece desnecessário continuar a lembrar aos estudiosos as alterações de grandes consequências que a técnica psicanalítica sofreu desde os primórdios” (FREUD, 2010, p. 148). Havia algo que insistia em ser dito e que, no entanto, não encontrava a boa palavra, nem no mundo da referência nem no da correspondência. Todas as associações possíveis não acalmavam o mal-estar... O que resta a fazer então é contar ao outro para que o outro saiba. O saber no fim é sempre do outro. É preciso encantá-lo pela pura modulação do significante que se coloca em correspondência com a vacilação calculada e onde a verdade se mostra na modificação da maneira de escutar e de aprender.

Isso nos faz pensar na diferença que marca um analista, um professor e também um filósofo: atravessar diversas fronteiras. Não existe uma resposta racional no sentido do entendimento, mas uma resposta necessária da ação amorosa frente ao conhecimento.



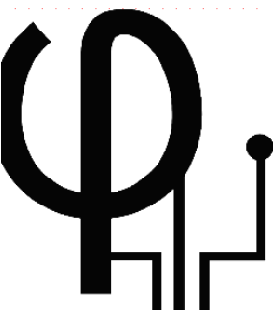
Essa foi uma marca registrada no ensino de todos os filósofos que contribuíram para a formação de um corpo teórico aliado a outros campos de saber em conexão com a psicanálise. Fixaram um solo intelectual e teórico que se expandiu para além dos grupos e das instituições de psicanálise, mas para sempre marcados por ela.

Ao longo dos anos 1990, tivemos em Curitiba e no Paraná alguns centros de expansão da psicanálise não limitados às escolas ou grupos psicanalíticos.

Foram criados no departamento de filosofia da UFPR pelo menos seis cursos de especialização em psicanálise (Lato Sensu), todos coordenados por mim. Esses cursos trabalhavam, lado a lado, questões de Filosofia e Psicanálise tendo como eixo a questão da linguagem. O público composto de psicanalistas e profissionais de outras áreas se dedicaram a cumprir as exigências acadêmicas de um curso de especialização, com 360 horas e com um trabalho de conclusão final. Além da participação docente dos psicanalistas da cidade, reconhecidos por seu notório saber, e dos professores do departamento de filosofia, tivemos como convidados, entre outros, filósofos conhecidos no meio intelectual nacional e internacional, como Gerd Bornheim, Ernildo Stein e Osmyr Gabbi Junior. Esse modelo pioneiro de curso de especialização foi seguido por outras iniciativas, como em Londrina, através da participação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), tendo à frente a professora Sonia Petroncini. Outros cursos de especialização também foram realizados, como *Psicanálise Clínica de Freud a Lacan*, em Toledo, ofertado pela PUCPR e, ainda hoje, na PUCPR, em Curitiba, se realizam cursos de especialização nesse sentido, e também em Maringá com *Psicoterapia Psicanalítica contemporânea*.

Na sequência de sua formação, os alunos pós-graduados recorreram a um mestrado com linha de pesquisa em psicanálise e, nesse ponto, a PUCPR os acolheu. Salientamos a colaboração de Francisco Bocca na ocasião e, atualmente, a participação de Eduardo Ribeiro da Fonseca, atual coordenador do GT Filosofia e Psicanálise da Anpof (Associação Nacional de pós-graduação em Filosofia). A relação da psicanálise com a filosofia expandiu-se a nível nacional, sendo criado, num dos congressos da Anpof em São Paulo, o GT (grupo de trabalho) Filosofia e Psicanálise, que muito contribuiu para a relação da Filosofia com a Psicanálise – e que realizou nos últimos tempos congressos internacionais, organizados, em São Carlos, na Universidade Federal de São Carlos, (UFSCar), na cidade de Teresina, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), assim como na própria Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

No nível de graduação, são vários os cursos de Psicologia que contemplam a linha de psicanálise, a começar pelo curso de psicologia da UFPR, da PUCPR, da Universidade Tuiuti, da Faculdade Dom Bosco e da UniBrasil, para citar os mais conhecidos.



Outro acontecimento importante para a psicanálise em Curitiba e no Paraná foi a criação da *Escola Brasileira de Psicanálise - Escola do Campo Freudiano* (EBP – ECF), fundada a 30 de abril de 1995, pela *Associação Mundial de Psicanálise* (AMP), no Rio de Janeiro, inscrevendo-se no movimento de reconquista do Campo Freudiano lançado por Jacques Lacan no dia 21 de junho de 1964, ao fundar sua Escola em Paris. A EBP tem por objetivo a psicanálise e, por finalidade, a restauração de sua verdade e a transmissão de seu saber, oferecendo-o ao controle e ao debate científico. Ela ministra uma formação e garante a relação dos psicanalistas, seus membros, com esta formação, colocando-a em debate.

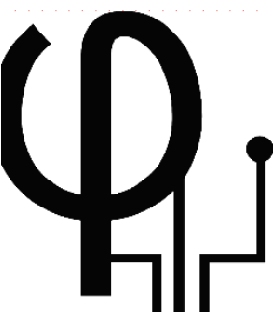
Sua concepção é contemporânea à “Iniciativa Escola”, um projeto iniciado em 1992 junto às instituições existentes como *Coisa Freudiana*, com o intuito de criar no Brasil uma sólida instituição de psicanálise ligada à AMP.

A EBP deve sua existência à AMP e à *Escola da Causa Freudiana* em Paris, criada em 1981. Da mesma, não podemos esquecer o solo de onde foi criada, o solo francês e Jacques Lacan. Lacan, ligado ao estruturalismo e ao surrealismo, foi o mestre dos mestres, embora seu mestre fosse Freud, estabelecendo cadeias de significantes e saber. Impossível uma melhor ligação à Teoria freudiana, que em solo francês ganhou novo empuxo, autenticando seu movimento pelo discurso universitário através da Universidade de Vincennes – Paris 8, criada em 1969 após a efervescência intelectual e política de maio de 1968. Foi de grande importância a criação do departamento de filosofia, com nomes como Michel Foucault, Jean-François Liottard, Gilles Deleuze e Jacques Lacan. Desde a sua formação, o ensino em Paris 8 tem caráter interdisciplinar, aberto ao mundo contemporâneo e às diferenças.

A EBP deve fazer referência, ainda, ao encontro americano do Campo freudiano em terras de além-mar ligadas ao solo francês e que preza pela *Escola Una*. Devido às características multiculturais e às diversas características das múltiplas escolas, criou-se a *Escola Una* em 2000, referência para uma experiência sem fronteiras e translinguística que pretende manter viva a orientação lacaniana em Psicanálise, a herança deixada por Lacan.

Ao longo de quase trinta anos, e a cada ano, Jacques Alain Miller realiza um curso de psicanálise voltado para o ensino de Lacan. “Estes cursos são eixos que orientam nosso estudo e nossa prática em todas as Escolas da AMP” – *Escola Una*. (EBP, apresentação da Escola de Orientação Lacaniana, 19 de janeiro de 2011). A contribuição de Jacques Alain Miller, fundador da ECF e da AMP, é inegável como um “passador” dos conceitos lacanianos.

Lacan se expressava em uma língua falada apenas por um, que ele se esforçava para ensinar aos outros. Trata-se, então, de compreender essa língua e posso dizer que, nesses últimos anos, me dei conta de que, na verdade, eu só a compreendi



depois de tê-la traduzido. Antes, ao percorrer inúmeras vezes seus Seminários – como dizê-lo? – eu percebia do que se tratava o suficiente para deles extrair os teoremas que poderiam me inspirar neste curso. Mas foi apenas depois de estabelecer, escrever o texto no movimento de fazê-lo definitivamente que apareceram para mim os lineamentos, a trama tão cerrados da invenção de Lacan. Com efeito, quando digo traduzir, digo fazer aparecer a arquitetura. [...] Em outras palavras, minha tradução de Lacan se orienta antes de tudo na argumentação e é baseado na ideia de que é bem deduzida, de que ali deve haver uma argumentação impecável, com base nisso leio os detritos da estenografia e constato que a coisa vai. A coisa vai porque, afinal, eu fiz o bastante para estar previamente convencido disso. Reconstituo, assim, uma cadeia de deduções. Por vezes, há um elo saltado e eu o restituo ao seu lugar. Faço isso agora mais do que antes. Por quê? Eu era mais tímido? Antes, eu deixava mais para o leitor destrinchar isso e, eventualmente, em meu curso, eu destrinchava. Hoje, digamos, já destrincho bem mais o texto do que no passado. Comecei pela frase. Lacan sempre confia o termo mais importante à última palavra, o que obriga a fazer acrobacias prévias. Eu a preservei por longo tempo, mas a partir de certa data, decidi destorcer a frase, constatando as dificuldades que isso produzia para o leitor. Hoje, um passo a mais, tentei viabilizar nesses oito Seminários um texto tão pouco equívoco quanto possível, ou seja, eu o restitui, vê-se com mais clareza a que se referem os pronomes relativos, por exemplo, pensando que se eu não o fizesse, ninguém o faria. É isso. [...]. (MILLER, 2011, n.p.)

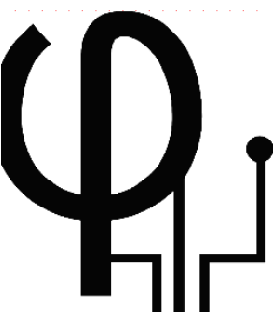
Em Curitiba, temos ainda algumas instituições tradicionais de Psicanálise, como é o caso da *Biblioteca Freudiana*, Fundada em 1980 – com algumas reformulações de 88 a 95 – que também é responsável pela transmissão da Psicanálise. Temos ainda a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano no Brasil, federação que integra os *Fóruns do Campo lacaniano*, nome que evoca o conceito de Jacques Lacan do campo do gozo estruturado pelos discursos com laços sociais.

Como podemos constatar, há Lacan e a Causa psicanalítica. A filosofia aproxima os conceitos de psicanálise do sentido para que se opere uma transmissão, mas há também a Clínica, sem o que a psicanálise não seria psicanálise. Quero lembrar a formação do grupo *Structura* mais recentemente, dirigido por Fernando Pena e Luiza Wisniewski que, com eficiência cirúrgica, produzem em seus seminários uma reflexão sobre quadros clínicos.

Não poderíamos deixar de evocar através da clínica, as muitas apresentações de pacientes no contexto das instituições psicanalítico em conjunto com instituições de saúde mental da cidade, que foram realizadas, principalmente, na década de 1980 e 1990.

Vimos que a recepção da psicanálise em Curitiba e no Paraná, tem múltiplas extensões, mas um único ponto de partida: a psicanálise de Freud e principalmente a psicanálise lacaniana.

Diríamos que não se proliferaram múltiplas escolas ou associações, o que de fato se concretizou foram múltiplas instituições ou grupos que se propuseram a expandir a psicanálise e promover a formação de analistas. É verdade que a denominação “Escola”



pressupõe ensino e aprendizagem. Porém, uma escola pressupõe um pensamento autoral. Lacan e Freud fundaram escolas. Freud começa sua transmissão da psicanálise nas reuniões das quartas feiras com a participação de interessados em psicanálise, fundando a primeira Associação de Psicanálise, que depois se dissolveu. Algo do mesmo tipo aconteceu com Lacan, quando dissolveu sua escola permitindo que surgissem diferentes grupos de trabalho. O resultado disso é que, até hoje, as instituições são o lugar de formação dos analistas e... de dissolução. Presenciamos isso em Curitiba e no Paraná

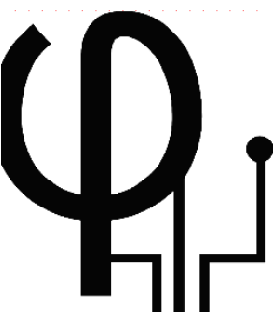
Diz Lacan, em Sr. (A), publicado em Ornicar: “É necessário que inove, disse – salvo que acrescentando: não sozinho. Vejo isso assim: que cada um ponha aí algo que é seu. Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazerem alguma coisa, e depois dissolvam-se para fazerem outra coisa. Trata-se de que a Causa Freudiana escape do efeito de grupo que eu lhes denuncio. De onde se deduz que ela só durará pelo aspecto temporário, quero dizer: se separem antes de ficarem grudados irremediavelmente” (LACAN, 1980, p. 19, tradução nossa)

Em virtude da herança lacaniana e dos desfechos, temos em continuidade a esse processo de dissolução a formação da *Escola da Coisa freudiana*, herança de *Coisa Freudiana* como bem se anuncia, fundada em 2003 e que decide buscar sua causa, depois de cisões.

Para concluir esse breve relato e evocar a memória da Psicanálise em Curitiba, cito Lacan em *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*:

[...] mas a verdade pode ser encontrada: o mais corrente é que já esteja escrita em algum lugar. A saber:

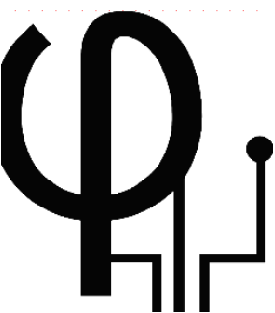
- nos monumentos: e isso é meu corpo, isto é o nó histérico da neurose lá onde o sintoma histérico mostra sua estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode sem grandes perdas ser destruída.
- nos documentos de arquivos, também são as lembranças de minha infância tão impenetráveis quanto eles quando não reconheço a origem.
- na evolução semântica, e isso responde ao estoque e acepções de vocabulário que me são particulares, como ao estilo de minha vida e minhas características.
- nas tradições também, até mesmo nas lendas que de forma heroica veiculam minha história.
- nos traços, enfim, que disso conservam inevitavelmente as distorções, necessitadas de ligação dos capítulos adulterados que a enquadram e dos quais minha exegese restabelecera o sentido. (LACAN, 1966, p. 259, tradução nossa).



2 O APORTE DE UMA CRÍTICA:

A título de crítica queríamos apresentar aqui três elementos teóricos que podem fazer com que entendamos melhor como a psicanálise chega e toma assento num lugar, enquanto transmissão de saber. São eles: um elemento epistemológico, outro ético e finalmente um modelo metodológico de interpretação.

- 1) A psicanálise, criada no momento da potência da razão e na força do pensamento científico, tem em Freud alguém que ousou ultrapassá-las com as formações do inconsciente. Como pai da psicanálise e conhecendo as convicções científicas de sua época, soube pensar e agir com suas pretensões e convicções racionalistas, o que permitiu construir o conceito de inconsciente. Demonstrou como, em cada indivíduo, a razão está aberta ao jogo das pulsões e ultrapassa a concepção clássica e intelectualista da razão, sem ignorar as delicadas questões da clínica e suas incidências sociais. René Thom, membro da *Academia de Ciências* da França, em um jornal da época, referindo-se à psicanálise, lembra que, de forma heterodoxa, é uma curiosa mistura de atitude subjetivista e mística com uma forte exigência afirmada e vivida capaz de despertar ideias e modelos de ciência de seu tempo. A psicanálise oferece uma teoria que não tem necessidade de ser demonstrada para ser eficaz e nem eficaz para ser interessante, a psicanálise mostra a evidência de que não há contradição entre saber (conhecimento) e criação (interpretação).
- 2) A ética da psicanálise visa o “bem” do sujeito e não o sujeito do Bem ou dos bens, parte das demandas para aceder ao desejo e jamais cede a um mecanismo estabelecido de julgamento a partir do próprio bem, do belo ou da generosidade. O desenvolvimento da psicanálise coincide com a emergência da vida privada individual no seio do privado familiar. Poderíamos dizer que ela substituiu a vida confessional. A confissão reforça o elo social e coloca o indivíduo frente às suas obrigações com os outros enquanto ética religiosa, a psicanálise por sua vez prima pela legitimação do desejo de existência autônoma e se afirma pela elucidação de relações familiares. Pela atenção à vida privada dos indivíduos, cria condições para se tornar uma prática social. Poderíamos dizer que ela substituiu a vida confessional. A confissão reforça o elo social, coloca o indivíduo frente às suas obrigações com os outros enquanto ética religiosa; a psicanálise, por sua vez, prima pela legitimação do desejo de existência autônoma e se afirma pela elucidação das relações



familiares. Pela atenção à vida privada dos indivíduos, cria condições para se tornar uma prática social. A psicanálise considera a experiência do outro e o estranhamento de si. A ética da psicanálise ainda é considerada a ética do bem dizer, considerando que o que está em julgamento é a linguagem e o que é exposto por ela.

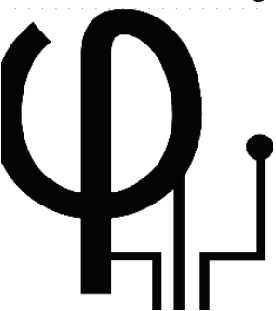
- 3) Para uma metodologia, podemos usar o modelo do Segundo Wittgenstein, muito conhecido da filosofia, para examinar as relações e implicações da transmissão da psicanálise através das sociedades psicanalíticas.

Para analisarmos o contexto das instituições psicanalíticas, teríamos que abstrair das concepções filosóficas. Como diz Paul Valéry:

Não há erro filosófico tão colossal como de contar como filósofos, apenas os filósofos, quando todos os homens de certa grandeza formaram necessariamente sua filosofia; e se não a exprimiram ou a precisaram, no sentido técnico e na linguagem técnica da filosofia reconhecida, foi talvez em razão do sentimento de que sua filosofia era tanto mais filosoficamente verdadeira quanto menos fosse declarada verdadeira, isto é, utilizada e aplicada, verificada. (VALÉRY, 1974, p. 480 – tradução nossa).

Partindo dessa ideia, não julgaremos a psicanálise tratada nas instituições como carente de filosofia e de fundamento. Wittgenstein clamava por uma “forma de vida” sem filosofia e as instituições psicanalíticas têm entre elas aquilo que ele chamava de “semelhanças de família”, criando os seus “jogos de linguagem” em uma prática teórica e clínica. Uma outra cultura, da qual temos que entender as regras e seguir as regras. Não é à toa que a escola de Lacan fala do passe e do passador, na continuidade da psicanálise. A psicanálise é um jogo, mas onde não há vencedores, apenas participantes que giram em torno do seu desejo e experimentam a transferência aos textos de Freud e Lacan. É possível experimentar os efeitos da linguagem, os efeitos que a linguagem provoca no sujeito, da mesma forma que defeitos e acertos estão presentes nas palavras, nas frases e nas proposições que usamos. Se a formalização da linguagem é tema da lógica – para esclarecer os efeitos da linguagem –, a perspectiva é a análise da linguagem dos sujeitos implicados no discurso. Freud, ao nos falar da ambiguidade do amor e do ódio (contrários), da discórdia (contrariedade), da reação feminina ao projeto cultural dos homens com sua exigência de amor e de dar continuidade à prole (oposição), revela a forma lógica e a estrutura do sujeito na sociedade e o efeito da ambiguidade na Cultura.

Wittgenstein vê a linguagem não como parte de um organismo humano individual, mas como uma “forma de vida” tecida no todo das relações sociais e pertencentes à



história da nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar (WITTGENSTEIN, 1922, p. 25). Não há essências que transcendam os signos. O aspecto pragmático presente no uso cotidiano que fazemos das expressões nas diferentes situações em que elas aparecem conduziu-o a criar a noção de “jogos de linguagem”. Os jogos de linguagem são múltiplos, as únicas semelhanças que passam são as “semelhanças de família”, aparentados a outros de diversas formas.

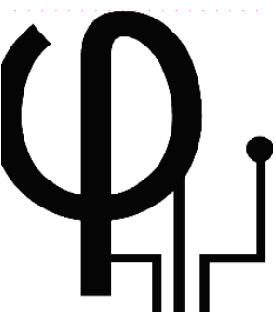
Para Wittgenstein não existe nem uma linguagem nem uma meta-linguagem, mas a linguagem nos seus diferentes usos. As semelhanças de linguagem podem estar nos “jogos” das instituições. O que é comum a todos os jogos? Há uma rede de usos e ações cambiantes de um jogo a outro, mas a verdade é que são análogos uns aos outros, como no caso do xadrez, da dama e do botão.

Ao contemplá-los não achamos a verdadeira semelhança pois é apenas “jogando que os compreendemos. “Xadrez se aprende jogando”, diz Wittgenstein. Impossível descrever, assim como é impossível descrever o acesso ao inconsciente. Apenas entrar no jogo das palavras, nos chistes, nos sonhos. E interessante comparar a multiplicidade de ferramentas da linguagem e seus modos de emprego à multiplicidade de espécies de palavras e de frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem (Cf. WITTGENSTEIN, 1922, p. 23).

A única relação entre os jogos são suas “semelhanças de família”. Assim são as instituições psicanalíticas. Elas se diferenciam, mas perseguem a mesma causa. Os jogos de linguagem wittgensteinianos são como um caminho a ser seguido para adentrarmos na matéria da linguagem e com essa matéria traçarmos um percurso tendo como guia o inconsciente e suas formações. “Jogos de linguagem” se ligam a “formas de vida” encontrando sustentação no contexto da vida. Suas regras estão inseridas numa malha de ações e intervenções.

Qual a diferença entre falar uma língua ou praticar um jogo de linguagem? A linguagem não tem justificação ou fundamento, ela é dada.

Para o Segundo Wittgenstein (o filósofo da linguagem), problemas filosóficos ou de qualquer tipo surgem quando a linguagem gira em vão, não “engata”, transformando-se num jogo autônomo com um fim em si mesmo. Este é um perigo para o discurso psicanalítico e, também, para as sociedades psicanalíticas. As questões surgem então como congelamento da linguagem, como congelamento das cenas de um filme, e perdem sua transitividade. Uma das críticas à psicanálise feita pelos seus detratores a respeito do discurso científico se baseia justamente no entendimento de que todas as justificativas e respostas oferecidas por parte do discurso psicanalítico obedeciam a um processo e funcionamento heurístico, onde há explicações de tipo causal, mas que não passam de razões. Sabemos que essas críticas não

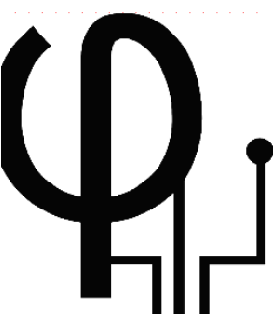


procedem, mas a metodologia sim. O que faz a força da psicanálise, abstraindo-se de sua eficácia terapêutica, é que ela corresponde a uma expectativa de solução, e o que precisamente a impede de jamais se apresentar como ciência. Por outro lado, essa transitividade também faz a linguagem adquirir opacidade e mistério, o que parece já ter sido explorado por psicanalistas. Não foi à toa que Lacan explorou os matemas, os nós e os cordões para “mostrar” (outro termo caro a Wittgenstein), o que o discurso psicanalítico não consegue dizer. Podemos explorar a linguagem “de férias” (terminologia wittgensteiniana) quando essa perde sua função. A crítica de Wittgenstein corresponde à crítica da busca de conceitos universais, desejo generalizado de ilusão essencialista, ou substituição na filosofia ou em outros saberes por temas genéricos, a razão, o ser, o homem, perdendo a peculiaridade dos casos particulares. A filosofia se contenta em descrever a gramática e suas regras, isto é, o bom funcionamento da linguagem, sem ousar mostrar o outro lado, o lado do avesso. Podemos compará-la a um bordado, onde os nós e os arremates se dão “do outro lado”.

Numa passagem de *Cultura e Valor*: “há no homem a pulsão de arremeter contra as fronteiras da linguagem. Pensem, por exemplo, no espanto diante do fato de algo existir (*pathos* filosófico). Esse espanto não comporta resposta” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 116).

Para Wittgenstein, a solução seria a abolição da filosofia. Para a psicanálise, a solução seria explorar as contradições e o *pathos* filosófico!

A psicanálise avança de muitas maneiras, criando conceitos, relendo suas frases, ou recriando sua práxis. Para tanto, propõe a escuta e estimula o debate entre seus pares e a crítica entre as instituições.



REFERÊNCIAS

- CHAUVIRÉ, Christiane. *Wittgenstein*. Trad. Maria Luiza Borges Zahar. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1989.
- CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. *Wittgenstein, linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Recordar, Repetir, Elaborar*. Obras Completas. SP: Cia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. Revista *Ornicar*, n.2- 021, Paris- FR: Ed. Seuil, 1980.
- LETRAS DA COISA. N. 0. *Publicação de Coisa Freudiana*, Transmissão em Psicanálise. Curitiba, 1985.
- LETRAS DA COISA. N. 2. *Publicação de Coisa Freudiana: Transmissão em Psicanálise*. Curitiba, 1985.
- MILLER, Jacques-Alain. Uma tradução [Paris, 19 de janeiro de 2011]. In: Escola Brasileira de Psicanálise. Trad. Vera Avellar Ribeiro. Disponível em: <<http://www.ebp.org.br/old/orientacao-lacaniana/>>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- MILNER, Jean Claude. *A Obra clara*: Trad. Procópio Abreu, Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers*. Col: Bibliothèque de la Pléiade. Paris, Ed. Gallimard., 1974.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura e Valor*, ed. por George Henrik von Wright. Lisboa: Edições 70, 1980.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas: Ludwig Wittgenstein*. Trad. José João de Almeida. *Philosophische Untersuchungen*. 1922.

